



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22	221
OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR	
Juliana de Castro Braz	
Tânia Moura Benevides	
DOI 10.22533/at.ed.90219050222	
CAPÍTULO 23	231
OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)	
Francisco de Souza Lima Filho	
Dalvanira Elias Camelo	
DOI 10.22533/at.ed.90219050223	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO

Cláudia Pereira Ferraz

Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela PUC-SP. Doutoranda em Ciência Política no Programa da Pós Graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP. Bolsista CNPQ. Membro do Grupo de Estudos inscrito no CNPQ: Juvenália (Sobre Políticas, Juventude e Consumo) do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade ESPM.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

RESUMO: Este estudo vai traçar os movimentos ciberfeministas em seus percursos históricos. Para isso, parte da crítica desempenhada pelas primeiras ciberfeministas sobre a condição de (re) colonização do ciberespaço, para posteriormente, discorrer sobre a intimidade política no uso das redes digitais pelas mulheres e suas causas. Através da metáfora ciborgue atrelando os feminismos e as tecnologias online no tecnocapitalismo, este artigo tem o objetivo de refletir a potência política da mulher, emergindo no contexto ambíguo das tecnologias online. Pelas amostras selecionadas em páginas feministas em rede social, e os temas tratados por elas, mapeia a política de morte, levada às mulheres, quando não enquadradas nas normatizações consagradas pelas matrizes conservadoras do poder. Desse modo,

trabalha-se a hipótese de que a apropriação das tecnologias online pelas mulheres para a atuação das causas feministas, reforça a ideia clássica do feminismo, em que a intimidade é política. A pensar os feminismos em rede online como frentes potentes contra os valores patriarcais da base do Império tecno-capitalista, em suas ações em redes e ruas.

PALAVRAS-CHAVE: Ciborgues, Ciberfeminismos, Tecnocapitalismo, Redes Sociais Online, Bio/Necropolítica.

INTRODUÇÃO

Ao menos no ambiente do ciberespaço, as ciberfeministas de meados da última década do século passado, tinham em vista, a libertação da mulher das amarras binárias sobre gêneros e imposições estéticas femininas, pois ao final do século XX, as tecnologias de comunicações não dispunham dos dispositivos que baixam fotos e imagens pessoais em redes sociais online, ou seja, os desdobramentos da realidade mundana ainda não estavam nas redes sociais. Dessa maneira, no campo do Facebook, e nas demais redes online, é possível pensa-las fazendo parte do aparato que garante a perpetuação dos conceitos e valores mercadológicos, típicos das antigas mídias. Pois, durante décadas, as técnicas das velhas mídias, agiram como vetores

das subjetividades, a partir do direcionamento da construção das normatividades econômicas e de gênero, modulando as conveniências da existência. As mídias, de modo geral, servem como combustível ideal para o funcionamento da máquina capitalista, inovando sempre na fabricação de modos de viver e novas tendências de consumos. No entanto, aqui, o que, principalmente se busca observar na tecnologia, é o outro lado, que atrelado aos feminismos, revela sua potência política, bastante forte.

A inspiração em “*Manifesto Ciborgue*”, obra repercutida como a base dos ciberfeminismos, coube quando sua manifestação contesta a visão única da narrativa política e a aponta como força das *piores ilusões*. Em seu pensamento, a política-ciborgue seria, então, fruto da *premonição ao conceito da biopolítica*. Onde o fundamento de tal conceito, sob o ponto de vista de Foucault, faz-se essencial para extrapolar a visão ideológica dicotômica entre as estratégias das democracias, pautadas nos poderes institucionais – que em nome do controle da vida, investem no trabalho da morte. Sobre este aspecto, esta pesquisa desenvolve um estudo, pelo olhar de Mbembe (2001) em torno da *necropolítica*, gerando *sequências de injustiças e opressões*, conforme adiante, será abordado no decorrer deste estudo sobre os feminismos online demonstrando o trabalho de morte da biopolítica às dissidências das normatividades sociais legitimadas pela sociedade e estado. É no paradigma da passagem de sociedade disciplinar para sociedade de controle onde Hardt e Negri (2005) reelaboram o conceito da biopolítica, quando tratam das resistência às articulações das redes de poderes, pela transfiguração do sentido de biopoder. Nesta redefinição, a biopotência é o que ativa as resistências e os ativismos, típicos do conceito, que tais autores elaboram sobre a *multidão*, e que aqui, será entrelaçado ao conceito *ciborgue*.

Ao pensar a metodologia a ser empregada, os preceitos de Haraway (1995), sobre a construção científica e as metáforas inspiraram a *visão* necessária à localização e interpretação dos saberes feministas, que tomam as tecnologias da comunicação dando vozes às suas políticas de ação. O estudo incorpora as técnicas de observação oculta em comunidades em rede online propostas por Skågeby (2013) com as teorias de ator/rede de Bruno Latour (2013), sobre as coletas de dados, que partem da observação dos outros, e as redes de conexão que estas ações online estabelecem. Partindo de tal premissa, amostras selecionadas, e citadas neste trabalho, formam os recortes dos diferentes feminismos em rede online como os novos ciberfeminismos, potencializados pelas recentes tecnologias de comunicação online. O mapeamento se fez possível, pautando-se no exercício de observação oculta como parte do método proposto por Skågeby (2011:411,414). Neste caso, acompanha-se o conteúdo e a discussão das páginas dos feminismos no Facebook, sem atuar ou interferir nas mesmas, apenas as seguindo, coletando e analisando os dados. Por esse viés metodológico se reconhece como os primeiros momentos da pesquisa, a inserção nas comunidades online do Facebook, permitindo o início da coleta de dados. Neste quadro, a quantificação das

mensagens feministas online foram selecionadas pelo critério de atuação¹ social/digital na esfera feminista em grupos do Facebook, que, pelas postagens, geram agendas, debates e informações que estas executam. Tal trabalho, sobre a atuação feminista envolvida com a tecnologia e sua interação entre rede/rua, desenvolve-se conforme Latour (2012:191,197), sugere, quando defende *tecer redes de atores* - visando permitir o *estabelecimento de uma gama de combinações e operações* onde todos os passos e ações constituem-se dados.

Estudos sobre os ciberfeminismos e ativismos feministas na rede se fazem significativos, pois os feminismos formam teorias críticas sobre a vida social, que não se fazem importantes apenas nas relações de gênero, mas sim, como representações que trazem à tona, as críticas sobre as diversas esferas da hegemonia da dominação em nossa sociedade.

O ESTUDO CIENTÍFICO SOBRE OS FEMINISMOS EM REDES SOCIAIS ONLINE

A conceptualização do ciborguismo no *Manifesto Ciborgue* por Donna Haraway (1985:02), ao final do século XX, serviu de grande inspiração aos ciberfeminismos em suas essências. Embora não seja um conceito recente, a autora destaca sua potência *como entidade, blasfemo irônico, incompleto*, que segue *minando* as categorias tão prezadas *pela sociedade ocidental*. O ciborgue também seria uma construção *de um animal-humano, numa máquina orgânica física e não física*; e, na sociedade capitalista/patriarcal, é visto como *desleal e insurrecional*. A apropriação das tecnologias de comunicação online pelos feminismos, permite visualizar os espectros de visões sobre opiniões, fatos e acontecimentos no mundo em fotografias digitais da realidade. Haraway (1995:02,03) em referência às abordagens sobre *os saberes localizados na questão da ciência para o feminismo*, traz a idéia de que, a metáfora é um convite à investigação dos aparatos como tecnologias, as quais estamos embutidos. Segundo ela, é onde, podemos *intervir nos padrões de objetificação* do mundo, o qual pertencemos e somos responsáveis. O que sugere na utilização da metáfora, o processo da *simbiose* com o *real*, enriquecendo demasiadamente a produção científica. Ao defender que, o desenvolvimento da ciência leva em seu bojo, o desenvolvimento da tecnologia, defende que ambas, podem ser contadas ou narradas de mesmo modo. Desse modo, as tecnologias digitais repercutem as práticas de *habilidades e visão*, ou seja, são os desdobramentos dos *modos de vida e ordens sociais*. E lembra o fato, de que as revoluções tecnológicas e científicas, não foram sempre *liberadoras*, no entanto, as concebe como sempre *visionárias*. Para a autora, o ciborgue tem a capacidade de assumir um papel que ela nomeia como *sujeito pós-moderno de guerrilha*, que é aquele que pega para si, as qualidades potentes de seu inimigo e as utiliza aos seus

1 O critério do olhar que seleciona os perfis significantes na atuação política social digital dos movimentos feministas no Facebook, segue neste estudo, a proposta de Latour, quando propõe o desdobramento dos atores como redes de mediações, cultivando sempre as descrições dos Atores em Rede.

próprios fins ideológicos, (re) apropriando os instrumentos do próprio sistema para combatê-lo. No tecnocapitalismo, há fluxos que ainda ambicionam uma revolução *tecno-orgânica* – a partir da exaltação das tecnologias de comunicação exercendo um impulso na cooptação à subversão dos tradicionais valores, rumo a outra concepção de *progresso* (histórico e intelectual).

O que aqui, é denominado como *Ciberfeminismos online*, está no sentido de subverter o uso do aparato digital; gerando informações, debates, agendas de manifestações e mecanismos de apoio às mulheres, vítimas de violências, assédios e estupros através da conexão em rede social. O estudo cumpre seu objetivo ao localizar nestes feminismos em rede social, as expressões das mulheres com suas forças de resistências aos múltiplos fascismos cotidianamente normatizados pelo ideal patriarcal ainda bastante persistente no tecnocapitalismo. Mas, para isso, traçou brevemente, o histórico da relação entre mulher e tecnologia, a partir dos ciberfeminismos. Cabe destacar, que se reconhece a tecnologia em redes online conjugada ao sistema capitalista contemporâneo, repercutindo o que este trabalho trata como tecnocapitalismo. Para reconhecer que, o avanço da tecnologia não repercutiu no avanço da humanidade na solução de seus conflitos e problemas sociais, onde as questões técnicas se sobrepõem às questões humanas de modo normatizado. No entanto, na ação da resistência, o peso da metáfora do ciborgue de Haraway trouxe à esta pesquisa, a proposta da ação política ao aparato tecnológico, subvertendo humanamente, as técnicas próprias da era tecno-capitalista e suas máquinas sociais normativas.

Quando Donna Haraway (1995:01-27) escreve sobre o *privilegio da perspectiva parcial*, propõe uma *metáfora sensorial* sobre a *visão*. Esta parte dos sentidos é essencialmente necessária, segundo sua colocação, se quisermos evitar as *oposições binárias*, na objetividade da incorporação de projetos científicos voltados aos estudos dos feminismos. Assim, a garantia do desempenho da ciência feminista, se dá de maneira crítica, em saberes *localizados* dos feminismos, os quais, entre si, são diferenciados. Tal localização esteve no mapeamento das páginas feministas no Facebook, e são referentes à perspectiva que atende a proposição da autora, na ação *de conhecimento potente* no sentido de *construir mundos mais livres das organizações formadas por eixos de dominação* e hierarquia. Ao introduzir as mediações tecnológicas simultâneas e transparentes em registros viáveis pela *tecno-ciência* da cultura digital (ideia estruturada antes do fenômeno das redes sociais online), Haraway oferece uma interpretação visionária, a qual, esta pesquisa se inspira. Para desse modo, criar as explicações científicas e políticas do *corpo/máquina* na ação feminista - em comunicação online, pela difusão digital de suas manifestações políticas. A função da *visão* aqui, segue sua proposta na não *passividade* do olhar em sua função, no *sistema de percepção ativo* nas *construções de traduções* e maneiras *específicas de visualizar os modos de vida*, pela rede digital. As palavras da autora indicam a necessidade de *fidelidade à visão do outro*, mesmo quando, o *outro é nossa*

máquina! Ela encaminha esse estudo, na busca da *compreensão dos sistemas visuais* em sua *funcionalidade técnica, social e psíquica*, trabalhando a imaginação e a razão, na combinação entre a *visão visionária e a visão objetiva* dos dados que emergem sobre os feminismos das redes e nas ruas.

Sob o ponto de vista dos ativismos feministas ativos na rede social/digital, ao investigar os dados coletados e categorizados, encontraram-se elementos que comprovam a vinculação política das ações dos movimentos ciberfeministas em rede com o espaço público - demonstrando como as atuações dos grupos sociais/digitais contemporâneos encontram-se globalmente, e automaticamente sinérgicas entre as esferas online e offline, o que também permite pensar a condição ciborgue emergente da sinergia entre corpo-humano e tecnologia. Cabe mais uma vez, voltar a Haraway (1995:25) para refletir sobre os processos do estudo científico sobre os ciberfeminismos, considerando estes saberes localizados, *em conversas e códigos feministas*, desempenhando a compreensão dos *significados possíveis*, à estimular a revisão dos valores sociais, a partir, da *decodificação* dialogada, entusiasmada pela *esperança de responsabilidade na política* do cotidiano tecno-capitalista. A leveza das máquinas como os smartphones com câmeras de vídeos que cabem na palma da mão é uma realidade já acenada pela autora em seu manifesto (Haraway, 1985:07-09) onde atribuía a esta tecnologia, a emissão das luzes e sinais eletrônicos como *uma secção do espectro social* na co-presença em telas conectadas na internet, representando os fragmentos da *intensa dor humana* que se inflige *quotidianamente*. A transgressão das fronteiras que era entusiasmada pela metáfora ciborgue está pautada na fusão das possibilidades entre objetos e pessoas na progressão de um trabalho político, sem as dualidades entre *mente e corpo; animal e máquina; idealismo e materialismo* nas ações sociais/digitais. Ou seja, as *formações simbólicas* contidas nos artefatos físicos e tecnológicos como organização das resistências. As tecnologias de comunicação online apropriadas pelos feminismos servem de elo entre grupos, em que, formados pelas atrizes sociais/digitais tentam resistir aos valores sociais mundanais do patriarcado na dimensão das redes sociais e nas ruas. Este contexto pode capacitar as subjetividades das novas gerações para outros significados que envolvem hierarquias, dominação e poder na esfera das questões sociais e de gênero. Portanto, para pensar os grupos feministas conectados em redes digitais e suas ações rede e ruas, este presente paper se apropriou da metáfora de Donna Haraway e sua proposta *Ciborgue*, entrelaçando-a ao conceito de *Multidão* de Hardt e Negri (2005), para estabelecer a compreensão sobre a imanência dos ativismos feministas online e sua relação rede/rua. O que adiante foi tratado como a *multidão ciborgue*, se mapeia nas atuações dos feminismos na rede social digital como sintomas típicos do tecnocapitalismo – partindo da tecnologia inserida na vida social em termos de comunicação ativando a potência de subversão pelos questionamentos sobre os valores patriarcais, estruturantes em tal sistema.

MULTIDÃO CIBORGUE

Esta nomenclatura foi inspirada na junção de dois conceitos que Preciado (2003:03) fez em seu artigo intitulado, *Multidões Queer*. Neste caso, seu texto reconhece como potencialidades políticas, os corpos e performances que resistem ao padrão de normatividade, desenvolvendo-se no que chama de *Império Sexual*. O que inspira a pensar que, a tecnologia faz parte do *Império*, e segundo Hardt e Negri (2000:185), ele é gerado como uma *república universal*, ou seja, na *rede de poderes*, arquitetados de maneira *ilimitada e inclusiva*. Tal rede de poderes, comumente, perpetua o imperativo em torno da dominação das subjetividades, modelando afetos e desejos. No que se refere às novas tecnologias de comunicação, pode se afirmar que, não revolucionam por si, e seu grande propósito está fortemente amparado no mercado. São instrumentos do Império, historicamente dominados pela categoria masculina, na concepção patriarcal e corporativista. O conceito de *Multidão*, se diferencia das *massas*, e sua condução irracional, diagnosticada, a partir, da segunda guerra mundial com seus totalitarismos. E se distingue do *povo*, pois este, segundo Hardt e Negri (2006:12), corresponde a unidade, sempre sujeita a soberania do estado e do capital em suas relações subordinadas às condições hierárquicas. Segundo o próprio Negri, (2004:15,18,21,22) a *teoria da multidão*, demanda que seus sujeitos expressem por si mesmo em suas *singularidades* sem lideranças representadas. E é sempre, a expressão da *potência* transformando suas práticas. Assim, a *resistência* vai acumulando capacidades *contra a exploração* que *subjetiviza* pela *tomada de consciência*. Portanto, o conceito *ciborgue* de Haraway e a *multidão* como conceito de Hardt e Negri formam segundo os mesmos, o símbolo do êxito da *deserção*, onde difundem *comportamentos singulares extensivos*, fugindo *das grades*, reclamando *ferozmente* da *miséria* e do *comando*.

Para pensar a extensão do conceito de *multidão* de Negri, ao advento das tecnologias de comunicações e na metáfora ciborgue de Haraway, este paper evidencia a *multidão ciborgue* pela dupla capacidade de potência nesta junção de concepções. Onde aparecem como a força da biopolítica que inverte os signos dos parâmetros da sociedade capitalista voltada apenas à acumulação e consumismos. De maneira a conduzir deste modo, às inovações de intenções revolucionárias nos planos subjetivos, almejando outras formas de existência, vociferadas, a partir das tecnologias de comunicação. A potência desta junção, *mescla, hibridiza e transforma* demasiadamente, os corpos no tecnocapitalismo, onde conectados e pela co-presença das câmeras ligadas às redes online, torna-se impossível estar só, mesmo estando fisicamente só.

Segundo Negri, *o dispositivo materialista da multidão* apenas permitirá ter como princípio, especialmente, o corpo e sua a batalha contra a exploração. Expressando desse modo, sua *potência*, a partir da *metamorfose dos corpos*, tanto em seu *conjunto*, quanto em sua *singularidade*. A *metamorfose dos tempos* implica na *metamorfose dos*

corpos, e aqui destaca-se no sentido da dupla capacidade de potência que compõe a essência da *multidão ciborgue*.

A visualização dos feminismos, se faz sob o olhar da *política ciborgue*, onde mulheres não almejam *o sonho de uma comunidade* na estrutura de *modelo de família orgânica*, considerando, desse modo, a falência deste espectro de valores. Neste aspecto, a atitude ciborgue de Haraway (1985), coloca as *esperanças* longe do encontro do *pai para salvação*. Dispensando, assim, *a fabricação de um parceiro heterossexual* como suplemento da totalidade na vida da mulher. As respectivas partes, humanas e tecnológicas, constituem na perspectiva ciborgue, a dissolução da noção dicotômica entre *natureza e a cultura* - onde *uma não deve ser mais objeto de apropriação da outra*, bem como, levanta a necessidade dos questionamentos críticos constantes sobre as *polaridades e hierarquias*.

Referenciais da Multidão ciborgue, em ação rede e rua podem ser localizados nas passeatas da Primavera Feminista de dois mil e quinze em diversas partes do Brasil, onde mulheres saíram contra o PL5069 que restringia a pílula e o aborto em caso estupro, e também no dia primeiro de Julho de dois mil e dezesseis, quando a passeata na avenida Paulista em São Paulo, contra a cultura do estupro, também reivindicava autonomia ao corpo e aos afetos de maneira não dicotômica nos gêneros, exclamando: “Eu beijo homem, eu beijo mulher beijo quem eu quiser!”. Outro exemplo enfático, está na mobilização organizada pelo grupo e a hashtag NI UNA A MENOS convocando uma greve geral na Argentina em 19 de outubro de 2017, tomando as ruas, em manifestações simultaneamente, no Uruguai, México, Bolívia, Chile, Nicarágua, Honduras, Porto Rico e Paris contra os feminicídios, a partir da morte da adolescente argentina, Lúcia Perez - drogada, estuprada e empalada. Levando o grito: - Não mais, assassinadas pelo patriarcado, heteronormatividade e o capitalismo! Ou mesmo nas organizações das mulheres contra os perigos dos ideais fascistas no poder político institucional.

Localizando as ações feministas nas redes sociais digitais, disponíveis nas opiniões e posicionamentos projetados nas páginas feministas online, torna-se possível, encontrar a energia ativista ativa do que Haraway chama de tecno-biopotência do feminismo e sua articulação rede/ rua como o combustível da *Multidão Ciborgue*. É a apropriação da tecnologia comunicacional viabilizada pelo tecnocapitalismo na condição da subversão aos ideais controladores, operantes das subjetividade com novas dinâmicas para se pensar, questionar e resistir contra as estruturas sólidas do *Império* e suas redes soberanas de poder. Ressalta-se então, a condição *ciborgue*, metaforizada na competência de estimular o imaginário num caminho de resistência tecno-biopolítica contra a pretensão totalizante na dominação da vida e dos desejos, que o *Império* abarca. Dessa maneira, se ativa sua potência em propor outro espectro à biopolítica, confrontando a esfera da dominação patriarcal normatizando a sociedade em suas condicionadas modulações. Afim de identificar e multiplicar a indignação nas expressões de resistência, através da energia ativista ativa, atrelada à tecnologia –

entendida como a tecno-biopotência da *Multidão* ciborgue. Tanto como utopia como projeto concreto ativo, a condição ciborgue na multidão social/digital é encarada, como defesa ao incômodo gerado por uma crise global da democracia e seus sistemas políticos condutores das desigualdades, que derivam e se alastram, a partir, da herança deixada pelo modelo patriarcal e colonizador, na economia tecno-capitalista brasileira.

A luz intelectual do Ciberfeminismo, como já colocado anteriormente, foi dada por Donna Haraway (1985:05) e seu *Manifesto Ciborgue*, que é parte do seu livro *Simians, Cyborgues and Women - The Reinvention of Nature* traz em sua metáfora a ressignificação do conceito *ciborgue* gerado na Guerra-Fria para ferramenta de luta feminista, instrumentalizada pela ciência e pela tecnologia. Isto sugere pensar a retroalimentação constante dos sistemas de rede desconstruindo muitas das *categorias dicotômicas estruturadas* sob a base patriarcal, hierárquica e colonialista: *natureza / cultura; ser-humano / máquina; masculino / feminino*; e assim por diante. O reconhecimento da *multidão ciborgue*, serve de contraponto e corte sobre tais máquinas ideológicas normativas. São os feminismos potencializados pela apropriação da tecnologia permitindo reivindicar e existir num lugar, que, mesmo a princípio online, serve de grande alcance e ampla dimensão na rede digital. Em benefício da ação política, e na reivindicação de direitos, atingindo seu status político de movimento social. A *tecno-biopotência* de Haraway inspira como resistência e remanejamento do *tecno-biopoder*.

A *Multidão Ciborgue*, em sua essência, leva em consideração, o papel da própria tecnologia na produção dos dispositivos competentes em ativar outros pontos de subjetividades e maneiras de existir. Tais *dispositivos* de subjetividade competem à noção de Foucault, quando Deleuze (1996:03) os interpreta como máquinas, que *agem biologicamente / socialmente* e nos fazem capazes de: *falar, fazer vermos e sermos vistos*. Em cada dispositivo perpassam linhas de mutações que envolvem os *campos estéticos, científicos, políticos*, entre outros. Foucault resgata a subjetividade ateniense quando a eleva, para além dos poderes, econômicos ou religiosos reconhecendo outras tipologias de formações subjetivas. Esta é a via onde os ciberfeminismos podem representar este recorte da *Multidão* online/offline. Segundo tal leitura de Deleuze sobre Foucault, *as formações subjetivas não são fixas*, proporcionado assim, produções de subjetividade que saem dos *poderes e dos saberes* de um dispositivo para o outro, potencializando *outras formas de ser e nascer*.

Delimita-se então, a condição política da *multidão ciborgue* mapeada em metáfora aos feminismos contemporâneos localizadas nos feminismos em rede digital, quando utilizam-se do ambiente no ciberespaço contra as variadas crueldades do poder patriarcal, dicotômico e hierárquico, utilizadas como meio de perpetuar a violência pela dominação. O foco desta análise se estende analisando a instrumentalização da tecnologia da comunicação como aliada dos feminismos, e consequentemente, desempenhando leituras críticas sobre os valores da base colonial/patriarcal do tecnocapitalismo. Onde os considerados *subjugados*, sofreram e ainda sofrem as

consequências deixadas pelo *legado imperialista / colonialista*, o qual este trabalho os visualiza sua articulação movimentando intensamente na vida, na contemporaneidade tecno-capitalista.

A alusão na metáfora *multidão* aos recentes ativismos feministas online, visa portanto, extrapolar os limites fixos do objeto e analisar as disposições políticas engajadas na construção dos feminismos, em redes de posicionamentos diferenciados. Feminismos nas redes e nas ruas, revigorados pelas tecnologias de comunicações derivadas do tecnocapitalismo - críticos, desertores dos princípios de dominação deste sistema, e por isso, considerados em sua potência, conforme será abordado adiante.

CIBERFEMINISMOS E FEMINISMOS EM REDES SOCIAIS

No texto de abertura do site *Las Cyborgues - Ciberfeminismo*² sem referência da autoria, discorre sobre o movimento ciberfeminista, constituindo-se na aliança entre as mulheres, máquinas e novas tecnologias acionadas no ciberespaço. Todavia, conta que preferiam evitar as definições e questões que o delimitassem. Mas deixa claro que, a base do movimento está na conjunção com a tecnologia gerando a possibilidade de construção de outras identidades, sexualidades pela projeção digital. O que pode ser considerado como uma entrada conceitual na quebra de muitos estereótipos genéricos, totalitariamente impostos. Uma outra importante definição sobre o movimento ciberfeminista, foi a elaboração de uma paródia *sobre o que o Ciberfeminismo não é: a 100 Anti-teses*³, repercutindo as cem negações constitutivas de sua proposta, no centro da política ciborgue. Tal texto de *Las Cyborgues*, diz que a ironia desta *ante tese*, distanciou o ciberfeminismo do feminismo tradicional, que evidenciou seu desprezo sobre a ferramenta tecnológica para intuito político destas feministas. Para tentar localizar melhor os Ciberfeminismos, Ileana Stofenmacher (2013:01), em seu texto sobre a *feminização da rede*, conta que o movimento Ciberfeminista a princípio nasceu no final do séc. XX em Adelaide, uma cidade da Austrália, no momento em que um grupo de trabalhos e estudos, composto por *Josephine Starrs, Juliana Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barrat*, decidiram trabalhar com arte e teoria feminista francesa, além de prestarem homenagem a Haraway e seu conceito ciborgue em sua primeira obra-texto artística: *Vns Matrix – Manifesto para o séc. XXI*. Após algum tempo, esta onda atingiu grupos intelectuais e feministas localizados na Austrália, Estados Unidos e Europa, numa forma de resposta contra a *cultura popular do jogo de vídeo, Internet e ideologia ciber-punk*. Os grupos ciberfeministas realizaram três congressos internacionais, o primeiro foi em vinte de setembro de mil novecentos e noventa e sete, em Kassel, na Alemanha; o segundo em março, dois anos depois e noventa e nove; e o terceiro em dois mil e um em Hamburgo, na Alemanha. Mas, conforme Stofenmacher, partiu das australianas a conquista dos espaços digitais,

2 Disponível em: <http://www.obn.org/cfundef/100antitheses.html>. Acesso. 20.09.2016.

3 Disponível em: <http://www.nodo50.org/mujeresred/internet-ciberfeminismo.html> Acesso. 20.09.2016.

afim, de criar uma cultura tecno na *vanguarda do conceito*, que utilizava a *tecnologia como linguagem artística*.

Os movimentos dos ciberfeminismos clássicos e recentes são correntes distintas, em tempos distintos, mas em ambos contextos, questionadoras ou reproduzidas das redes de poderes do *Império*, no ciberespaço (re) colonizado a partir dos valores ocidentais. Cabe destacar as categorias ciberfeminista emergiam ao final da década de noventa, comprovaram e reacenderam o debate sobre caráter dicotômico e hierárquico do ciberespaço, o qual Winner (1983) já apontava atrelado ao tronco da tecnologia. A indagação sobre a potência do ciberespaço começava a se fazer presente no debate entre mulheres ciberfeministas, quando, o Ciberfeminismo Utópico Liberal, liderado por Sandie Plant, defendia, que o ciberespaço seria um ambiente de emancipação e de novas possibilidades, enquanto o Ciberfeminismo diatópico-radical ia em outra direção, pois este era um movimento que encontrava na essência teórica, os trabalhos de Ziauddin Sardar e Judy Wacjman, a tese sobre o ciberespaço representar a *recolonização do ocidente*, portanto para elas jamais transcenderia a condição normativa da sociedade. E por final, o Cyberpunk em referência ao princípio da ciber rebeldia - vertente da ficção científica que naquele tempo, inspirava-se diretamente no “*Manifesto Ciborgue*” de Haraway contra as polaridades e hierarquias.

Na esfera do tecno-capitalista, este estudo tem a ver com o que Rosi Braidotti (2002:01), apresenta a respeito da pós modernidade estar intimamente ligada com a realidade eletrônica. E seus fluxos de informações como dados passíveis de controlados e instrumentalizados, de modo bastante problemático. Neste ambiente os ciberfeminismos seguem o que Faith Wilding (1998) atribui como a representação da narrativa *irônica e paródica* em importantes manifestações das subjetividades e representações no ciberespaço. Lugar onde encontramos *uma vasta articulação feminista e proto-feminista*, segundo ela. É onde se afirmam os ciberfeminismos sociais como movimentos baseados na conexão entre os princípios *antiglobalização neoliberal e direitos humanos*, ou seja, *feminismos como estratégias de transformação social* pela apropriação da tecnologia. A atmosfera ao final do século XX, inspirava uma revolução tecnológica pela realidade eletrônica transformando a vida social. A *Techno-utopian*, foi a terminologia desenvolvida por Wilding (1998:09-12), usada na qualificação das respostas ciberfeministas para as desconstruções dos valores patriarcais dominantes na questão de gêneros. Reprogramando o sentido da tecnologia de comunicações, com vista em dar suporte à transformação da condição normativa, partindo na idéia de dissolução dos gêneros. E pelo fato do Facebook⁴ americano conter mais de cinquenta e seis tipos de gêneros, se acende a reflexão sobre a tendência ao não binário e dicotômico simbolizada na rede social/digital.

Mas, continuando ainda na reflexão de Wilding, a junção entre *ciber e feminismos* criou uma importante formação na história do feminismo e na mídia eletrônica do

4 Disponível em: <http://ladobi.uol.com.br/2014/02/56-opcoes-genero-facebook/>. Acesso. 12.12.2016

tecnocapitalismo. O que determina assim, o trânsito transnacional na participação dos ativismos feministas pela liberdade e justiça às mulheres, e nas construções das não normativas, identidades gêneros da contemporaneidade tecno-capitalista. Embora o termo *ciber* seja originário de uma vontade de poder e controle que se evidenciava sobre as convicções norteadoras da cibernética, sua conjuntura com os feminismos, pode oferecer possibilidades dos feminismos revigorarem-se pelo o uso das mídias eletrônicas online, e suas práticas digitais. Para esta autora, estes movimentos proporcionaram o *empoderamento* das mulheres pela *tecno cultura*. No entanto, diz que precisam evitar danos prejudiciais, quando não abordam questões contidas no feminismo tradicional, relativas à *exclusão, lesbofobia e racismo*, desprezando as análises e estratégias feministas acumuladas até então. Nos coloca que, a definição em torno do ciberfeminismo pode ser *fluida, e afirmativa* nas estratégias e metas dos feminismos contemporâneos, e sua a grande colaboração, está no fato das ciberfeministas elaborarem uma vasta leitura e projetos web ao redor da *Teoria da visibilidade da diferença sexual*, sobre a representação digital da mulher em escala digital. Os questionamentos ciberfeministas colaboraram imensamente em tornar a mulher visível nas tecnologias da comunicação do tecnocapitalismo, criticando os valores *falocêntricos da tecno-ciência*, na dominação capitalista global das redes de comunicação. Ainda seguindo o pensamento da autora, coube a tais movimentos, redesenharem as pesquisas e estratégias da vanguarda feminista, no entanto, não deixa de reconhecer que *necessitam de crítica sobre as construções utópicas das relações no ciberespaço*, e sobre o patriarcado atuante nos dispositivos da biopolítica em códigos totalizadores do comportamento. Ela defende, a necessidade de uma *declaração ciberfeminista de solidariedade* entre as iniciativas do feminismo *pós colonial*, com a tecnologia da comunicação no suporte das estratégias políticas na era tecno-capitalista, ao elucidar sobre as páginas ciberfeministas atuais, que ativam o pensamento sobre as consequências do colonialismo, repercutindo no atual tecnocapitalismo.

Como exemplo das recentes ações ciberfeministas em redes sociais, onde se sai da arte manifesto, para intensificar a militância feministas nas redes e nas ruas, selecionou-se as seguintes páginas no Facebook: *Marcha Mundial das Mulheres*⁵ e *Pão e Rosas*⁶. Tais amostras representam críticas feministas que enfatizam a questões como o racismo, e a luta da classe trabalhadora, as condições sociais, econômicas e culturais, principalmente, no que diz respeito às mulheres, comumente, subjugadas pelo sistema de dominação, que se revigora em suas tecnologias, nos distintos espaços e tempos da história. Ao realizar o monitoramentos das páginas feministas percebe-se que e *Marcha Mundial das Mulheres* em sua página do Facebook, serve como uma prévia amostra da potência subversiva nos novos ciberfeminismos. Mapeada entre na

5 Disponível em: <https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil/?fref=ts>. Acesso. 12.12.2016

6 Disponível em: [//www.facebook.com/PaoeRosasBrasil/about/](https://www.facebook.com/PaoeRosasBrasil/about/). Acesso. 11.12.2016

multidão ciborgue, se apresenta sendo um movimento sem líder ou partido apresentada como uma proposta global de luta: *feminista e anticapitalista na mudança do mundo e da vida das mulheres*, contra a *pobreza, a violência sexista, a mercantilização dos corpos das mulheres* e a favor do aborto. Frequentemente, a marcha desempenha a ocupação do espaço público em diversas cidades do país, sob esta circunstância: sem líder, e se inte-relacionando em vários formatos de mídias integradas por blog, site e imagens e mensagens publicadas em página no Facebook. A outra página investigada chama-se *Pão e Rosa*, e começou atuar no Facebook em dois mil e nove, onde integra o movimento latino americano *Pan y Rosas*, com representações no *Chile, na Argentina, na Bolívia, no México e no Estado Espanhol*. Levantam o direito ao pão e também às *rosas*, em alusão às trabalhadoras operárias de Massachusetts, as quais, no início do século XX, foram protagonistas da luta na defesa de direitos à cultura, arte e lazer como forma de desenvolverem-se em alimentar não só o corpo, mas a alma. Assim, a página propaga o clamor pela condição de mulher contra a sua exploração como força de trabalho, e máquina procriadora. Reivindicando as *flores* para alimentar a alma feminina em suas subjetividades; nos diversos lugares da América Latina, onde seus povos colonizados foram e ainda são explorados e subjugados desde a colonização até a atual globalização tecno-capitalista.

O estudo sobre as páginas feministas em rede social online e a revitalização do feminismo, pode ser elucidado, em outro aspecto, a partir do trabalho de Aina Fernández i Aragonès (2009:09) da Universidade Oberta de Catalunya, a qual, discorre a cerca da *feminização da internet* e suas estratégias. Ela apresenta o ciberfeminismo social culminando a conexão dos movimentos ante *globalização e neoliberal* pelos grupos *pacifistas e ativistas na ecologia e defesa dos direitos humanos*, desde os anos noventa. Estabelecendo desse modo, os pontos de convergência com os feminismos, proclamados pelas novas tecnologias como estratégias que visam abalar as estruturas de bases profundas no patriarcado - em a busca de justiça, igualdade e direitos. Por outro lado, o estudo de Maria Rubio Liniers (2003:167,168) do CSIC de Madri, lembra que os ciberfeminismos se enfraqueceram por perderem suas ideologias e debates políticos. E é possível dizer, que ganharam novamente força nos últimos tempos, com a difusão das ideologias reacendidas pelas redes sociais digitais, proporcionadas pela comunicação no tecnocapitalismo.

Adiante, esta pesquisa discorre sobre os efeitos das consequências para mulher do colonialismo no tecnocapitalismo, e como se emergem as redes de poderes que são determinantes para as diferentes condições sociais sobre as diferentes categorias de mulheres. São construções, socialmente pautadas em estruturas, que em nome da dominação e organização da vida, realizam um trabalho de morte na vida feminina. As seguintes amostras de páginas feministas em rede social online, permitirão a abordagem mapeada, partindo do conceito da *necropolítica* na condição feminina do atual tecnocapitalismo.

O RECORTE DA MORTE NAS CAUSAS DAS MULHERES

O tecnocapitalismo brasileiro tem raízes fincadas no colonialismo, este aspecto da história ainda irriga os valores de certas concepções sociais atuais. Agravando, Achille Mbembe (2003;11-13) marca na história do pós colonialismo, o colapso do ideal socialista, a partir das experiências históricas, como perda da referência de um instrumento de análise - prejudicando a vitalidade dos questionamentos críticos sobre as *dependências econômicas* e os *fenômenos sociais e políticos*. Em sua visão, tudo passa a estabelecer redes de representações, onde pouco se resiste ao caráter de contingência da violência das instituições do estado no controle do territórios. Em que, o referencial colonialista, é revigorado no tecnocapitalismo e permanece alimentando a hierarquia das estruturas de dominação, impossibilitando muitas vezes, aos considerados subjugados pelo sistema, conquistarem a autonomia e direito da própria vida. De acordo com Mbembe, em diversos pontos, esta estrutura de dominação típica do colonialismo, se aproxima do *poder fálico* com consequências implicantas nas relações de poder. Fazendo *ligação direta entre a economia e a sexualidade*, em torno do *falo como estrutura de masculinidade e poder patriarcal*. Os dados coletados dos ciberfeministas recentes, por suas expressões na rede social social/digital, acendem contra a *necropolítica* do estado e dos moralismos sociais, operantes fatalmente na violência de gênero. Servem neste presente estudo, como amostras que se aproximam deste diagnóstico, as páginas do Facebook: *Geledés*⁷, *Transfeminismo*⁸, *Mães de Maio*⁹ e *Feminismo sem Demagogia*¹⁰.

Geledés, no Facebook, representa a organização criada em mil novecentos e oitenta e oito, com meta de lutar contra *o racismo e o sexismo*, promovendo a *valorização das mulheres negras e o debate sobre políticas públicas de inclusão*. Pelo contexto *online*, sua contestação dá vozes contra as cruéis e perversas fragmentações do colonialismo, ainda gritando no tecnocapitalismo. Defende o *princípio de igualdade e oportunidades para todos*, onde muitas vezes, nas expressões de suas postagens, deixam clara a revolta contra a supremacia colonialista, branca, historicamente construtora de padrões nos modelos de beleza e categorização de mulheres: as que “servem” ao casamento, às relações sexuais, aos cuidados da casa, dos filhos e assim por diante. Dentro da categoria de análise entre os diferentes feminismos, pelo processo histórico do colonialismo, constata-se que as negras historicamente saem com mais mortes, cicatrizes e dores, em relação às brancas, tais dados demonstram a consequência dos fragmentos do colonialismo atuantes na necropolítica do tecnocapitalismo. Como discorre Haraway (1993:286) o princípio da diferença do feminismo pode ser constatada no já citado texto: *O humano numa paisagem pós humanista*, onde, ela prossegue dizendo que nos Estados Unidos

7 Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/?fref=ts>. Acesso. 23.07.2017

8 Disponível em: <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts>. Acesso. 21.07.2017

9 Disponível em: <https://www.facebook.com/maes.demaio/?fref=ts>. Acesso. 12.07.2017

10 Disponível em: www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts. Acesso. 12.07.2017

do século XIX, as mulheres possuidoras das liberdade no sistema patriarcal branco eram bastante oprimidas mas valiosas como progenitoras, *herdando os negros e negras como propriedade*. Enquanto as brancas, se enquadravam na *necessidade de descendência racialmente “pura”*, as negras eram a propriedade que tal descendência garantia. Tal fato, colocava as mulheres que desfrutavam de uma certa liberdade em espaços *simbólicos*, diferentes, das que não tinham liberdade nenhuma. Tornando essas *assimetrias, muitas vezes, incompatíveis*. Por consequência do colonialismo, as mulheres negras ainda representam as principais vítimas de violência, em comparação às brancas.

Outros dados oriundos do I Seminário sobre Biopolíticas e Mulheres Negras¹¹, realizado em vinte de julho de dois mil e dezessete na cidade de Salvador, tratam de dizer que, a promotoria do Ministério Público comprova tal fato, e o atribui aos problemas associados à escravidão. Apresentando os diagnósticos do Mapa da Violência¹², do ano de dois mil e quinze, constata-se que homicídios de mulheres negras aumentaram cinquenta e quatro por cento, por outro lado, na mesma época, o número de homicídio de mulheres brancas caiu. Nesta perspectiva da morte, este presente trabalho verifica que tal sintoma, evidencia no contexto tecno-capitalista, o outro lado da biopolítica: a *necropolítica*. Cabe lembrar que Achille Mbembe (2003:11) elabora este termo sob o paradigma da soberania no poder de controle e/ou eliminação do outro. Não apenas o assassinato político da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, mulher negra, mãe e lésbica fazendo um trabalho notório de inclusão e direitos das minorias sociais na política institucional, mas a produção acadêmica de Marielle Franco (2014) em sua crítica às atuações das UPPS (Unidades Pacificadoras do Estado) no território da Favela da Maré trazem à tona os tentáculos da necropolítica. Ao falar sobre estado de guerra pela intervenção das forças do estado, fica claro o desdobramento de necropolítica que ela acusa atuando na direção de seu intelecto, do seu corpo, na geografia de onde vem e estudou, e na sua atuação política. Principalmente, quando ela não se dobra à normatividade dos poderes colonizados, e ao questionar e enfrentar os poderes institucionais de matrizes conservadoras, repercutindo os efeitos da política de morte no controle dos espaços, da subjetividade e dos corpos.

Como um ponto interseccional dos feminismos, está a questão do direito ao aborto, outro ponto que delimita o trabalho de morte da biopolítica. Nas páginas feministas online, encontram-se a reivindicação sobre o direito ao próprio corpo e a própria vida na escolha em prosseguir ou não a gravidez. Onde as estatísticas sobre a morte da mulher pelo aborto ilegal, se faz exemplo, da consequência da moralidade social exercendo a *necropolítica* na política nos corpos femininos. Segundo o site *Woman on Waves*¹³, cerca de quarenta e sete mil mulheres morrem por ano, no mundo,

11 Disponível em: <http://muraldeeventos.com.br/eventos/i-seminario-biopoliticas-e-mulheres-salvador-2007/>. Acesso em: 12.12.2017

12 Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/homicidios-contra-mulheres-negras-aumenta-54-em-10-anos-aponta-estudo>. Acesso em: 12.12.2017

13 Disponível em: <http://www.womenonwaves.org/pt/page/380/safe-abortion-saves-women-s-li>

devido às *complicações no útero, hemorragias ou pelos efeitos tóxicos de substâncias e métodos indutores do aborto*. Neste fato, a biopolítica, em nome da vida do embrião gera a necropolítica sobre o corpo da mulher, quando ela não possui condições dignas à opção do aborto. A biopolítica, em nome da ordem normativa não permite, muitas vezes, a ocupação livre sobre próprio corpo, onde ser sujeito de si mesmo, torna-se um risco. É a fundamentação da política fascista sobre o ideal de direito, julgando quem vai merecer viver ou ser abandonado a morte. Seguindo a lógica descartável e supérflua da vida feminina, ativando a subjetividade e o corpo feminino, tecnicamente, para agir socialmente, pelo viés normativo tradicional. Graças à idealização social da mulher passiva e procriadora - não protagonista das escolhas e caminhos de suas próprias histórias.

“Mães de Maio”, como outra página online no Facebook analisada, embora não levante nenhuma bandeira explicitamente feminista, é uma página do Facebook protagonizada pelo trabalho das mulheres mães, e pode ser considerada um outro forte eixo online, da contestação e denúncia da necropolítica operante na vida da mulher no tecnocapitalismo. Pois, é uma iniciativa desempenhada pelas mães que perderam seus filhos, mortos pela política de segurança do estado em São Paulo, numa guerra social e racista ainda executada brutalmente pela polícia militar. Tal ação, relaciona o que Mac Gregor (2013:28), observa a partir de Mbembe como o *entrelaçamento da violência e direito com exceção e soberania* na administração da lógica governamental da *política de controle, distribuição e regularização da vida*. Determinando desse modo, certas situações em que o estado e a política criam um trabalho administrativo baseado no *trabalho de morte*. Assim, *legitimam o estado de exceção pelo direito de matar*, selecionando os que merecem ou não, o direito de viver.

Aos que não acessam os bons *estilos de vida* e não se encontram na conformidade da política de controle e conservação da vida, na biopolítica; o tecnocapitalismo e sua racionalidade tecnológica passa a ter peso fatal, em sua dimensão necropolítica. Destaca-se a proposta do já citado, o historiador e filósofo Achille Mbembe (2003:14), assinalando não só, o correlato entre a *soberania e a exceção*, mas enfocando a vida por sua *descartabilidade*, numa *curva que converte profundamente* até a contemporaneidade - os *processos coloniais desembocando nos fascismos atuais*. Esta é uma hipótese, a qual este estudo, está comprovando, através dos dados extraídos em observações ocultas, no campo online das comunidades feministas, em atuação na rede social Facebook. Aspectos como a questão do aborto, estupros, assassinados de mulheres, violência doméstica, lesbofobia e transfobia, estão entre os assuntos que mais repercutem publicações nas páginas ciberfeministas no Facebook. O acesso à tais dados, pode vir a iluminar o espectro letal da biopolítica, sob a necropolítica, e demonstrar como o caso a seguir, também se aproxima da dimensão desta hipótese.

No dia dois de julho de dois mil e dezesseis, a página do Facebook chamada

Transfeminismo¹⁴ publicou um vídeo sobre o brutal assassinato da transexual Laura Vermont¹⁵, e é possível assistir à cena onde sua mãe, chorando desesperadamente diante da presença dos assassinos no julgamento, reclamava dos algozes alegarem o ato do crime, em nome da “família”. E, desesperadamente, ela perguntava às câmeras: - *E a minha família?* Isso leva a pensar que, em nome dos dispositivos normativos sobre o valor da vida, no seio da família heterossexual, tomada pelo poder de controle e disciplina normativa dos corpos, se assassinam e se destroem as vidas de sujeitos desarmados e fieis a si na maneira de ser. As matrizes em raízes patriarcais e normativas, com seu ideal de soberania sobre o outro, não permitem a humanidade aos que encontram-se fora das modulações programadas sobre “o bom estilo de vida”. Pedro Samarco, autor do livro, *Travestis Envelhecem*¹⁶, diz que a expectativa de vida de uma travesti é de trinta e cinco anos, frente à média de setenta e quatro, setenta e cinco anos, segundo o IBGE, do ano de dois mil e treze. Morrem muito cedo, seja pela transfobia ou crimes no contextos da prostituição ou suicídio.

O tecnocapitalismo avançou racionalmente na tecnologia, mas não se desenvolveu dispensando os conservadorismos, fascismos e os valores consequentes da supressão dos desejos. Reich (2004:192) diz que as leis patriarcais oriundas da religião, na formação da cultura da família tradicional e do casamento, desenvolvem-se predominantemente *contra a sexualidade*. Por isso, uma humanidade forçosamente nega sua lei biológica e conseqüentemente, essa negação transforma-se numa segunda natureza, a anti-natureza, onde debate-se em *exaltação irracional*, quando quer restaurar a sua função biológica básica. No caso do trabalho sexual desempenhado pelas transexuais e travestis faz com que esta negação ao que foge do normativo (mas ativa dispositivos de prazeres eróticos) desse legitimidade para matar: quando se pensa que, acabando com o que seduz sexualmente, acabaria ao mesmo tempo com o que representa uma afronta aos ideais normativos e conservadores da sociedade. Marcuse (1999:58) pode ajudar a explicar tal fenômeno, quando faz lembrar que o indivíduo eficiente na sociedade, é como aquele, cujo o desempenho, considera-se uma ação individual apropriada, conforme os requisitos do aparato, e por isso, a liberdade fica confinada ao propósito do que é socialmente imposto.

Ao percorrer entre os diferentes feminismos, encontra-se a página “Feminismo Radical Didático¹⁷”. Esta página, denuncia as opressões de gênero apenas relacionadas à mulher do sexo feminino. Se apoia na resistência a qualquer dominação do homem, se apegando na condição dualista e dicotômica da noção de gêneros. Deste modo, se verifica esta dominação como a primeira forma de opressão, e desconsidera como objetivo da causa feminista, abraçar a reivindicação sobre violência sofrida pelas

14 Disponível em: <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts> . Acesso: 21.11.2017

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MwJQz3S2Qm4>. Acesso: 22.11.2017

16 Disponível em: <http://www.nlucon.com/2015/02/expectativa-de-vida-de-travestis-e-de.html>. Acesso: 22.11.2017

17 Disponível em: <https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/?fref=ts> . Acesso: 06.06.2017

mulheres transexuais ou as travestis. Por não considerar travestis e transexuais “realmente” mulheres, acreditam que o feminismo deva estar relacionado com o fator biológico dos órgãos sexuais. Essa ideia fica evidente, quando dizem que a *opressão da mulher acontece porque ela nasce com vagina e útero*¹⁸, deixando claro que é sobre esta dimensão do feminismo, que a página deseja debater e defender. Pensam a condição transexual como uma apropriação indevida do feminino *vulgar*, construído e explorado midiaticamente. A homogeneização totalitária da modulação racionalidade normativa, também afeta a racionalidade crítica, segundo Marcuse (1977:72), há sempre a *submissão à fatalidade competitiva*. Neste caso, é possível pensar sobre o mercado do casamento patriarcal, em que cabe ao homem a escolha da mulher que viverá com ele o ideal de família normativa, e pelas leis do mercado tecno-capitalista, em que estimula-se permanentemente a competição entre as mulheres. A subjetividade tomada pela totalidade competitiva, pode levar a pensar que, a dignidade e aceitação social da identidade das mulheres transexuais e travestis trariam ao mercado de trabalho outras profissionais na concorrência pela oferta de trabalho. Por outro lado, no mercado do casamento, as travestis e transexuais intensificam a ameaça sob esta instituição, pelo conhecimento do uso instrumentalizado da estética e comportamento no erotismo - instrumentos consagrados e adquiridos pela associação com trabalho no mercado do sexo. Isso ainda remete ao pensamento de Marcuse, quando retrata a *sociedade da técnica* estar completamente envolvida pela *uniformidade competitiva*, dentro de todas suas esferas de interesses. Lembrando que, o ambiente do mercado sexual é comumente fonte compulsória de expectativas de sobrevivência e prazer para as travestis. A vida sexual, acaba sendo um dispositivo ativo na construção da subjetividade e subsistência das travestis e transexuais, mesmo que isso, muitas vezes, fatalmente, valha as suas vidas. A página Feminismo Radical – Didático no Facebook, envolve sua concepção à normatividade da dicotomia de gênero, binária, limitada entre masculino e feminino, onde as proposições voltam a fazer parte da cultura estabelecida. Para endossar sobre o que não segue às tais modulações construídas tradicionalmente em torno das genitálias, são situações indignas de humanidade para adesão às bandeiras feministas. O que as leva a desconsiderar as mortes brutais de travestis e transexuais, que tornam o Brasil, o país campeão de crimes de homofobia¹⁹; fato que pode resultar em mais um espectro da necropolítica sob a tutela do estado, na biopolítica fascista sobre os corpos desviantes. Vale ressaltar, que o tecnocapitalismo, coloca as questões técnicas acima das questões humanas, conforme apontado no início deste trabalho. E a preferência da identidade feminina no corpo masculino (e vice versa), confronta e afronta as técnicas normativas dos modos tradicionais de vida.

Ainda inspirando-se nas análises de Marcuse (1999:87), agora em seu *pensamento*

18 Disponível em: <https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/photos/pb.1645014095762875.-2207520000.1468631773./1661390344125250/?type=3&theater> . Acesso: 05.05.2017

19 Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/homofobia-discussao-evoluiu-mas-brasil-e-campeao-em-crimes,8310ccc080c5b410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso: 12/08/2016.

sobre tecnologia, guerra e fascismo, reflete-se sobre a categoria normativa econômica e de gêneros, nos aparatos do tecnocapitalismo, dispondo-se de tipos de trabalhos – que, tanto físicos como psicológicos, requerem uma combinação particular de capacidades que modelam os seres humanos. Desse modo, a Educação torna-se um meio que faz com que a personalidade seja instrumentalizada, controlada e regulada na garantia da perpetuação maquínica do sistema. A contemporaneidade recente, demonstra o quanto isso é relevante, quando os setores conservadores do cristianismo da bancada evangélica instrumentalizam o estado, desconsiderando e recriminando a ciência e o debate sobre gênero, em relação às interpretações equivocadas a respeito do criacionismo e da leitura da bíblia.

A página, NuSex²⁰ (Núcleo de estudos em corpos, gêneros e sexualidades dissidentes) ressalta numa entrevista²¹, a importância da educação sobre gênero nas escolas contra o machismo, a cultura do estupro, a transfobia, entre outras patologias do sistema de dominação tecno-capitalista. Porém, em âmbito brasileiro, projetos fruto de vertentes conservadoras, ainda tramitam para que os debates sobre sexualidade e política sejam aniquilados da Educação, de modo que ela se defina ainda mais, como parte da engrenagem mecânica de um sistema que canaliza a potência de existência na contingência da necropolítica: quando não visa humanizar, aceitar e respeitar as diversas formas de ser e se reconhecer no mundo. Uma educação que reproduz a uniformidade do interesse pessoal e competitivo, é segundo Marcuse (1977:72), facilmente manipulada como massa, dissolvendo as formas de contrato social. Mas de outro modo, segundo o próprio autor, o processo tecnológico pode impulsionar a conversão numa nova forma de desenvolvimento humano, na abolição dos objetivos competitivos. O contexto tecno-capitalista mecaniza, digitalizando as relações e interliga as subjetividades em rede online. Onde tornam-se indiferentes, os limites entre as relações pessoais e as conexões sociais digitais. Na sociedade técnica, do tecnocapitalismo, por Marcuse, fica possível entender sua lógica, mesmo antes dos fenômenos dos dispositivos em rede social digital. O olhar do autor, se faz visionário ao expor os aspectos do sistema, que impulsionam a dominação das regras do aparato, estendendo sua ordem às relações sociais. Concebe-se então, que a cultura da dominação, da força, e da morte, tão presentes no colonialismo, desdobra-se no tecnocapitalismo brasileiro, deixando seus espectros operarem na vida da mulher de modo nefasto. Percorrendo a página Feminismo sem Demagogia²², uma publicação em treze de setembro de dois mil e dezesseis, apresenta dados que sustentam a comprovação pertinente à hipótese, levantada sobre a violência, a dominação e a necropolítica serem operantes na condição social feminina. Pois, segundo a pesquisa publicada nesta página, realizada pela Secretaria de Políticas para Mulheres do Governo

20 Disponível em: <https://www.facebook.com/nucleocgsdissidentes/?fref=ts> Acesso:12/08/2016.

21 Disponível em: <http://www.midiamax.com.br/entrevista/306608-sem-educacao-genero-escolas-sociedade-vai-retroceder-afirma-defensora-publica.html> Acesso:13/07/2016.

22 Disponível em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/posts/1108155789276409>. Acesso em 12.12.2016

Federal, a cada doze minutos, uma mulher é violentada no Brasil. Pela exibição do Mapa da Violência, a cada dez minutos, uma mulher é estuprada. E através do IPEA, demonstrou-se que a cada noventa minutos, uma mulher é assassinada no país. Sem contar os dados de outras mortes, como nas condições precárias de aborto, transfobia e lesbofobia, conforme exposto anteriormente neste texto.

Parafrazeando Mac Gregor (2013:23) e sua leitura de Mbembe, o estado de soberania e exceção e a conformação sobre a *descartabilidade da vida* selam *um acordo muito mais profundo* que com os *fascistas do séc. XX e mesmo aos dos processos de colonização* - por sua estrutura contemporânea estar sempre fortificando intensamente o *Império* e suas redes de poderes.

Nota-se pelos feminismos online, a possibilidade de ferramentas, afim, de elucidar, pensar e contestar sobre a política contemporânea e os valores da sociedade que contemplam a *lógica de administração* da violência, dominação e morte. O que leva a compreensão sobre os *fascismos não estarem localizados na história do passado*, já que as suas condições, ainda seguem operando na base do tecnocapitalismo global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo, repercutem sobre as novas atuações ciberfeministas redimensionando suas propostas nas redes e nas ruas, levando em consideração a amplitude e abrangência do tecnocapitalismo, onde historicamente, interligam-se as opressões de gênero às questões políticas e econômicas. As ciberfeministas como propostas de questionamentos diferentes sobre a tecnologia, desdobram-se nos ativismos feministas online, sem que isso fosse um projeto consciente das ciberfeministas do final do séc. XX. Porém, entre suas pautas, ainda destaca-se a resistência sobre o modelo tecno-capitalista entrelaçado aos valores patriarcais e dominantes economicamente. Os recentes ciberfeminismos, em grande parte, reconhecem o vetor do sistema totalizador, ao mesmo tempo, discriminador e normatizador do controle e da violência contra os espectros femininos do ser humano. A conexão e participação em redes sociais digitais, também marca a essência deste tempo. Sobrepondo-se a atividade de ócio, narcisismo e entretenimento, a conexão em comunicação digital, quando articulada politicamente, tende a viabilizar outros olhares e questionamentos, os quais esta pesquisa se encarregou de abordar, quando estão relacionados aos feminismos. Outro aspecto, que esta pesquisa pretendeu destacar, está sobre o sistema atuante no tecnocapitalismo enaltecer as inovações – contemplando as tecnologias de ponta, em detrimento das razões críticas sob as consequências da exacerbação consumista, implicando na descartabilidade dos objetos, pessoas e relações. Os movimentos feministas desdobrados nos ciberfeminismos em rede social online, podem reforçar a resistência, à histórica estrutura de poderes, hegemonicamente capitalistas e patriarcais; alimentando os dispositivos de subjetividades com a potencialidade de transmutação e transformação sobre valores das bases do tecnocapitalismo. Como

representação deste movimento dos dispositivos, a máquina em conexão em rede social online pode ser vista como um campo fruto do ideal colonizador e patriarcal. Mas é visualizada também como um campo que pode proporcionar elementos para a reinvenção das subjetividades.

Esta pesquisa está cumprindo seu projeto de localizar nas redes sociais digitais e nas ruas, remetendo novamente, ao que Foucault (1991) e seu prefácio à obra de Deleuze e Guatarri, traduz pela busca do *desejo*, em sua intensidade *política*, podendo *reverter a ordem* que ainda permanece sob a norma dominante, violenta e fascista - *vigorando nos desejos das massas*. A pesquisa vem assim, verificando onde a prática política feminista pode agir socialmente, intensificando o pensamento, culminado em outras maneiras de pensar e intervir politicamente.

Compreendendo que o *indivíduo é produto do poder*, conforme as palavras de Foucault, esta tese percorreu sua proposta de *agenciamentos em diversos deslocamentos* feministas que incorporam a tecnologia na militância e ação crítica no questionamento das redes de poderes baseados nos padrões de normatividade héteronormativa, com ideal dominante no soberano branco, aristocrático e repleto de posses. As amostras dos feminismos online, mencionadas neste estudo, mostram subversão ao uso comum da tecnologia da comunicação, apropriando-a como fonte de contestação, estratégia de articulação, proteção e diálogo contra os transfigurados fascismos cotidianos, enraizados na matriz do pensamento brasileiro. E lança ainda, seus espectros na dominação dos valores, que seguem ditando as regras sobre o corpos, as moralidades e os costumes impostos às categorias femininas, comumente, subjugadas pelo sistema tecno-capitalista-patriarcal.

Aberto à pluralidade de vozes e discursos ciberfeministas, o ciberespaço com suas redes sociais é um espaço público não alheio aos sistemas de dominação social e/ou gênero, porém aqui, coube considera-lo também, espaço com potência política. E, entendendo a consideração do feminismo sobre a intimidade ser política; o campo digital viabiliza a intimidade da mulher traduzida em sua subjetividade na rede, o que justifica desta forma, o ciberespaço em conexão, como um campo público de atuação social/digital, altamente político para as mulheres.

Compete então, finalizar, salientando que, considerável parte dos ciberfeminismos, mapeados na *multidão ciborgue*, confrontam e enfrentam as estruturas de poderes do *Império* mediado pelo estado, onde aqui, as mulheres e suas ações feministas são as *subjetividades desviantes*, que pensam, clamam e reclamam nas redes e nas ruas por uma forma mais justa e democrática de viver e existir – na pretensão de interagir e se apropriar com autonomia, o aparato das tecnologias materiais e sociais do mundo para torna-lo mais humano, que técnico.

BIBLIOGRAFIA.

ARAGONES, Aina Fernánides, *La Feminització d'Internet. Ús d'estratègies femenines en la cultura hacker*, Univerdisidat Oberta de Catalunya, 2009.

BAIDOTTI, Rosi: Diferença diversidade e subjetividade nômade. Tradução de Roberta Barbosa. In: *Labry's Estudos Feministas*, 2002.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.

<https://pt.scribd.com/doc/48275693/O-que-e-um-dispositivo-Gilles-Deleuze>. Acesso em 05.08.2017

FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela em três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Administração) Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2014. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/MarielleFranco.pdf> Acesso em: 18.09.2018.

FOULCAULT, Michel: *Introdução a uma vida não fascista* : Tradução de Carmem Bello, Rio De Janeiro. Holon Editorial, 1991. In: *O Anti- Édipo – prefácio*. NY, 1987

HARDT, Michel; NEGRI, Toni. *Multidão*: Tradução: Clovis Rossi Marques; Rio de Janeiro, ed Record, 2005.

HARAWAY. Donna; *MANIFESTO CIBORGUE – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, 1985. In: <http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>. Acesso em 11.09.2018.

HARAWAY. Donna; *O humano numa paisagem pós humanista*. Estudos Feministas 1993. In: *Revista de Estudos Feministas*. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16064/14593>. Acesso em 11.11.2017

HARAWAY. Donna *saberes localizados: a questão do feminismo e o privilegio da perspectiva parcial*, 1995 http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf. Acesso em 04.11.2017

LATOURETTE, Bruno; *Reagendando o Social – uma introdução à teoria Ator-Rede*. Tradução do Gilson Cesar de Sousa; Salvador/Bauru ed. EDUSC, 2012.

LINIERS, Maria Rubio; *La Imagen Virtual de la Mujer – dos estereótipos tradicionais al Ciberfeminismo*. Revista Feminismo/s, Madri, Espanha, 2003

MAC GRAGOR, Helena Chaves - *Necropolítica - A política como trabalho de morte*. Revista Ábaco, V.4 número 48. Miradas Sobre um Fascismo Insistente. México, 2013.

MARCUSE, Herbert; *A Ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional*; Tradução de: Giasone Rebuá. Ed. Zahar, 1979.

MARCUSE, Herbert; *Algumas Implicações sociais da tecnologia moderna*. Tecnologia, Guerra e Fascismo. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MBEMBE, Achille; *Necropolitics*. Translated by Libby Meintjes, Duke University, 2003 In: <https://www.dartmouth.edu/~lhc/docs/achillembembe.pdf> . Acesso em 15.12.2017

NEGRI, Antônio; *Para uma definição ontológica de multidão* in: Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia nº19-20, janeiro de 2004 - Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

PRECIADO, Paul; Biopolíticas del gênero, 2009. in <http://masculinidad-es.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>. Acesso em 18.12.2017.

PRECIADO, Paul ; Multitudes *queer*. Notes for a politics of “abnormality”, 2003. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002 . Acesso em 20.04.2018.

STOFENMANCHER, Ileana: Feminización de la red. Revista Aura Digital – estudos de la cibercultura hipertextual. http://vc.uoc/04_999_01_u07/ciberfeminisms47.html Acesso em 12.10.2017.

SKÅGEBY, Jörgen. Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community. Sweden: Ed. IGI Global, 2013. Acesso em 14.10.2017.

WINNER, L. *¿Tienen política los artefactos?* Organización de Estados Americanos para la Educación, la Ciencia y la Tecnología (1986) p.19-29. Documento disponible en: <http://www.oei.es/salactsi/winner.htm> Acesso em 07.08.2017.

WILDING, Faith ; Where is the Feminism on Cyberfeminism? – The Feminist, 1998.

II Paradoxa, V. 2 E- Zine, 2013. In:www.feministezine.com/feminist/cyberfeminist.html. Acesso em 21.11.2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

